

ATIVE NOSSO SININHO: PROJETO COMIDA PARA PENSAR NAS REDES E MÍDIAS SOCIAIS

GUILHERME RODRIGUES DE RODRIGUES¹; RENATA MENASCHE²

¹Universidade Federal de Pelotas – guilhermerdr.rodrigues@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – renata.menasche@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O projeto Comida para Pensar está situado no âmbito do Grupo de Estudos e Pesquisas em Alimentação, Consumo e Cultura – GEPAC –, o qual está vinculado à Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), sob coordenação da professora Renata Menasche. O Grupo existe desde 2006, apesar de ter sido inscrito no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq somente em 2013.

Desde o início da pandemia de COVID-19, o projeto Comida para Pensar se mantém ativo com frequência, desempenhando um papel relevante junto das alunas/os e investigadoras/es que se dedicam às áreas temáticas da alimentação e do consumo, agregando e promovendo o aprofundamento da investigação nestes eixos. As/os integrantes do projeto estão vinculadas/os principalmente ao curso de Bacharelado em Antropologia da UFPEL e aos cursos de Pós-Graduação em Antropologia da mesma universidade, bem como aos cursos de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da UFRGS.

As ações – que em 2021 têm como eixo a temática “Comida, consumo e risco em tempos de pandemia” – são articuladas a partir do GEPAC e do Laboratório de Pesquisa Agricultura e Meio Ambiente (LEAA), mantendo-se também vinculadas com disciplinas ofertadas regularmente, tais como Antropologia da Alimentação, Antropologia Rural e Antropologia do Consumo. Dessa forma, articula-se os três eixos dentro do projeto: ensino, pesquisa e extensão.

Com isso posto, considerando também o cenário pandêmico o qual nos força a trabalhar completamente na modalidade online, de casa, elaboramos o projeto com ênfase no ensino de graduação para comportar as ações midiáticas do GEPAC. Iniciamos com um canal no YouTube, seguindo para implementação de perfis nas redes sociais Instagram e Facebook, além de contar com grupos de WhatsApp e e-mail através dos quais é facilitada a comunicação diária dos integrantes do grupo. Com os meios de comunicação criados, o projeto consiste em contribuir para as áreas de alimentação, consumo, cultura e ensino de antropologia criando conteúdos digitais acessíveis, de fácil linguagem, no intuito de servir tanto para o público acadêmico, quanto para a comunidade em geral que tenha interesse nas ciências humanas. Até o momento promovemos três palestras veiculadas pelo Canal do GEPAC no YouTube, contando com uma agenda programada de mais alguns palestrantes até o fim do ano. Além disso, o canal e as redes sociais serão alimentados com vídeos curtos de até três minutos e publicações de conteúdos específicos das áreas temáticas, bem como com divulgação de outros eventos que tenham a ver com os temas em questão e pesquisas das/os próprias/os investigadoras/es envolvidas/es.

2. MÉTODO

Para cada realização de palestra montamos um pequeno grupo de voluntários, os quais são articulados pelo bolsista e pela professora coordenadora. Esses são convidados, primeiramente, quando seus temas de pesquisa se aproximam do pesquisador que será palestrante. Além desse critério, procura-se realizar um rodízio desses integrantes que contribuem para a promoção do evento, a fim de não tornar o cronograma semestral de ninguém sobrecarregado. A equipe, então, fica composta normalmente por cinco pessoas – um anfitrião, três debatedores, e um operador da plataforma de transmissão ao vivo –, as quais conduzirão de forma breve e pragmática questões enviadas via bate-papo online pelos ouvintes, bem como suas próprias questões. Busca-se organizar com o palestrante que toda a conversa não se expanda para além de uma hora. O vídeo, transmitido ao vivo pelo Canal do GEPAC no YouTube, fica gravado e disponível para quem quiser olhar em qualquer momento fora do horário do evento.

Quanto aos conteúdos a serem criados para as redes sociais Instagram e Facebook, esses envolvem um número maior de pessoas com uma dinâmica permanente de interação. Para isso, há divisões de responsabilidades quanto ao tipo de conteúdo (divulgação de eventos e pesquisas, ensino, trabalhos do grupo, comunicação, etc.), garantindo que as postagens dos perfis tenham periodicidade e que o compromisso de as manter não seja uma sobrecarga para os integrantes do Grupo. Esses conteúdos - vídeos, palestras e postagens - são articulados com as disciplinas de graduação e pós-graduação regularmente ofertadas, servindo como material complementar de ensino remoto.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Até o momento promovemos três palestras com pesquisadoras/es relevantes para a área de Antropologia. A primeira foi com Jean Segata, sobre pandemia e desigualdades, em 30 de abril. A segunda com Ellen Woortmann, sobre reprodução social camponesa, em 20 de maio. E a terceira foi com Maria do Carmo Soares de Freitas, sobre fome, em 28 de junho.



Estamos observando as visualizações através dos dados quantitativos fornecidos pelo YouTube e vemos sempre uma curva crescente, o que indica o interesse das pessoas nos conteúdos produzidos. No que tange o ensino de graduação, os eventos trataram-se de uma grata oportunidade de interação com

autores reconhecidos na área. Jean Segata vem trabalhando com a questão da pandemia sob o ponto de vista das humanidades. Com eles, pudemos conversar sobre os desafios e riscos referentes às questões alimentares colocadas em função da COVID-19. Ellen Woortmann é pesquisadora clássica nos estudos sobre campesinato. Dessa forma, uma das aulas de Antropologia Rural pôde contar com a presença desta professora. E Maria do Carmo Soares de Freitas trabalha com um tema latente na sociedade brasileira no momento: a fome. Sua pesquisa ocorreu há duas décadas no estado da Bahia. Contudo, tendo como cenário o retorno do Brasil ao mapa da fome, o tema emerge novamente e torna-se pauta obrigatória para pesquisadores da área. Através de sua obra “Agonia da Fome” (2003), é possível discutir tanto a questão central do trabalho (a fome), quanto questões teóricas sobre fenomenologia.

Sobre os conteúdos dos perfis das redes sociais Instagram e Facebook, estes ainda estão em fase de construção e implementação, sem resultados específicos no momento. Estima-se que até o fim do ano as redes estejam em pleno funcionamento conforme foram projetadas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este projeto, que ocorre vinculado ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Alimentação, Consumo e Cultura, tem efetivado em sua rotina a integração entre graduação e pós-graduação através de suas dinâmicas de atuação. Além disso, opera nas interfaces do ensino, da pesquisa e da extensão, cumprindo uma meta idealizada pela Instituição.

No quesito específico ao ensino de graduação, as ações já realizadas complementaram qualitativamente a formação dos discentes, mostrando-se articuladas com os estudos promovidos pelas disciplinas curriculares. Buscar por recursos alternativos e mais atrativos é uma orientação enfatizada pelo Núcleo de Apoio a Tecnologias Educacionais – NATE -, através do qual temos instruções e métodos de como tornar o ambiente online mais dinâmico e acolhedor. Seguir esses princípios é o desejo do projeto, mantendo-se em harmonia com a expectativa da própria universidade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREITAS, M.C.S. **Agonia da fome**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2003. Disponível em: <http://books.scielo.org>. Acesso em: 09 de agosto de 2021.

UFPEL. **NATE Núcleo de Apoio a Tecnologias Educacionais**. Acesso em 09 de agosto de 2021. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/nate/>

UFRGS. **GEPAC Grupo de Estudos e Pesquisas em Alimentação Consumo e Cultura**. Acesso em: 09 de agosto de 2021. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/gepac/>

YOUTUBE. **Canal GEPAC Grupo de Estudos e Pesquisas em Alimentação Consumo e Cultura**. Acesso em: 09 de agosto de 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/channel/UCH2vtCsaTr-YQPX32PE0_cA